

Quando a Informação Mata: O Papel da Mídia e da Desinformação no caso Yara Paulino¹

Diogo Antonio Azoubel OLIVEIRA²

Thaynar Moura de PAIVA³

Natália de Souza LINDOSO⁴

Universidade Federal do Acre - UFAC

RESUMO

Este artigo analisa a forma como o caso de feminicídio envolvendo Yara Paulino foi tratado pelos sites ContilNet e AC24horas entre os dias 24 e 29 de março de 2025. A análise foca nos termos e adjetivos utilizados nas matérias jornalísticas e discute as implicações dessas escolhas na construção da imagem da mulher vítima. Além disso, o artigo explora o conceito de analfabetismo midiático, destacando sua contribuição para a visão distorcida da mulher como um "corpo descartável". O objetivo é refletir sobre como a mídia tem papel crucial na reprodução de estereótipos de gênero e na naturalização da violência contra a mulher. Como principais resultados, observamos que o uso de termos que despersonalizam a vítima, contribuem para narrativas que naturalizam crimes contra as mulheres, em especial no Acre, que enfrenta altos índices de feminicídios.

PALAVRAS-CHAVE: Feminicídio; Mídia; Alfabetismo Midiático; Imagem da Mulher; Violência de Gênero.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve como objetivo principal analisar de que forma dois principais veículos de comunicação do estado do Acre contribuíram - através de termos e imagens utilizadas em matérias jornalísticas - para desumanização e estereotipação de uma mulher vítima de feminicídio no estado em março de 2025. Através da análise, buscamos refletir sobre como os veículos de comunicação, o jornalismo, e os jornalistas, podem contribuir para a alfabetização midiática da população.

O feminicídio é um dos crimes que mais afeta as mulheres no Brasil, sendo definido pela Lei nº 13.104/2015 como o assassinato de mulheres em razão de seu gênero. A violência contra a mulher, em diversas formas, é uma questão estrutural e social que, muitas vezes, é banalizada pela sociedade e pela mídia. O caso de Yara Paulino, ocorrido em março de 2025, foi amplamente noticiado por diversos veículos de comunicação, entre eles os sites ContilNet e AC24horas.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Professor do Curso de Jornalismo da UFAC, email: diogo.azoubel@sou.ufac.br

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFAC, email: thaynar.paiva@sou.ufac.br

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFAC, email: natalia.lindoso@sou.ufac.br

O caso em questão ocorreu no dia 24 de março de 2025, no conjunto habitacional Cidade do Povo, em Rio Branco, Acre. Yara Paulino da Silva, de 27 anos, foi morta a pauladas e machadadas em via pública, por membros de uma organização criminosa, de acordo com informações divulgadas pela Polícia Civil do Acre à imprensa.

A motivação para o crime viria de um boato de que a vítima havia assassinado a própria filha, Cristina Maria, uma recém nascida que estava desaparecida há cerca de duas semanas anteriores ao crime. No local, havia sido encontrada uma ossada em um terreno baldio, o que serviu para fomentar o boato em torno de Yara Paulino. Ossada que depois foi constatado que não era humana, mas sim de um animal. Yara Paulino era ainda mãe de duas crianças, uma de 10 e outra de apenas 2 anos, que presenciaram o crime.

Este artigo visa analisar as matérias jornalísticas sobre o caso, publicadas entre os dias 24 e 29 de março de 2025, com o objetivo de identificar os termos e adjetivos mais utilizados para descrever a vítima e o crime. Além disso, será discutido o conceito de alfabetismo midiático e como ele contribui para a construção da imagem da mulher como um "corpo descartável", sujeito ao esquecimento, ao invés de ser reconhecida como uma vítima de um crime grave e complexo. A análise busca refletir sobre as consequências dessa narrativa para a percepção pública das mulheres e da violência de gênero.

METODOLOGIA

O artigo adota uma abordagem qualitativa de análise de conteúdo, focada na identificação dos termos e adjetivos utilizados nas matérias jornalísticas sobre o caso Yara Paulino. A análise foi realizada em três matérias publicadas nos sites ContilNet e AC24horas entre os dias 24 a 29 de março de 2025. As matérias foram selecionadas por seu detalhamento sobre o caso e pela exposição de diferentes aspectos da violência contra a mulher.

Para a escolha dos portais de notícia, levamos em consideração dois sites de grande alcance no Acre, com um número maior de público que acompanha o material publicado em tais plataformas, em especial nas redes sociais. O site Ac24horas é o portal de notícias acreano com o maior número de seguidores no Instagram, até abril de 2025, o perfil possuía 212 mil seguidores no Instagram, e se intitulava “o jornal mais lido do Acre”, na rede social. O portal Contilnet, por sua vez, surge como o segundo com o maior número de seguidores no Instagram, até abril de 2025, o perfil se encontrava com 150 mil seguidores.

Para coleta e análise das matérias, utilizamos a ferramenta de busca avançada da página de pesquisas do Google, com o nome e sobrenome da vítima e o portal de notícias que

iríamos colher as informações. No caso do site Ac24horas, utilizamos “Yara Paulino + Ac24horas”, e no site Contilnet utilizamos “Yara Paulino + Contilnet”, ambos específicos para os dias 24 a 29 de março de 2025. A partir desse filtro inicial reunimos três matérias jornalísticas de cada site analisado, entre os dias 24, 25, 26 e 29 de março de 2025. No Ac24horas, coletamos duas matérias do dia 24 de março, e uma do dia 29, com base no critério de pesquisa que utilizamos para selecionar o material. No site Contilnet, coletamos duas matérias do dia 25 de março e uma do dia 26 de março.

Nesse sentido, verificamos determinada limitação em relação ao volume de matérias analisadas, o que ocorreu em decorrência das limitações dentro da busca nos próprios sites analisados, em especial, o Contilnet, que não possui uma barra de pesquisa em que é possível verificar as matérias pelos dias. Além da pesquisa avançada do Google, que nos entregou três matérias de cada veículo analisado, dentro dos critérios de pesquisa já mencionados. Assim, a quantidade de materiais analisados justifica-se com base nesses parâmetros, ao todo, foram analisadas 6 matérias jornalísticas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A construção da imagem da mulher na mídia, especialmente em casos de feminicídio, tem sido objeto de estudo de diversos autores. Para Susan Sontag (2003), a mídia tende a reduzir as vítimas de violência a corpos expostos, desprovidos de identidade e história. Esta abordagem desumaniza a vítima, transformando-a em um objeto a ser consumido pelo público, sem a devida empatia ou reflexão sobre as causas do crime.

Por outro lado, Raewyn Connell (2005) argumenta que a mídia contribui para a manutenção de uma cultura patriarcal ao reforçar estereótipos de gênero que naturalizam a violência contra a mulher. A falta de uma análise crítica dos fatores que levam ao feminicídio impede a compreensão de que a violência de gênero é uma questão estrutural, ligada a desigualdades históricas e sociais.

O conceito de analfabetismo midiático, como abordado por Lúcia Santaella (2004), refere-se à incapacidade de interpretar e questionar as mensagens transmitidas pela mídia. Esse analfabetismo pode resultar em uma percepção superficial e distorcida dos casos de violência, desconsiderando suas causas profundas e as responsabilidades sociais e políticas que envolvem tais crimes.

PRINCIPAIS RESULTADOS

A análise das seis matérias selecionadas revela padrões discursivos que contribuem para a construção de uma narrativa desumanizada sobre Yara Paulino. Observamos que a linguagem utilizada nas reportagens tende a reduzir a mulher a um corpo marcado pela violência, sem aprofundar-se em sua história de vida, contexto social ou psicológico.

No portal AC24horas, a matéria do dia 24 de março, intitulada "Corpo de bebê morto pela mãe foi encontrado em saco de ração" descreve o crime de forma sensacionalista, destacando detalhes gráficos e chocantes, foi noticiado, por exemplo, que o corpo do bebê teria sido encontrado em um saco de ração. A ênfase nesses aspectos visuais contribui para a construção de uma imagem grotesca da vítima, sem oferecer uma análise crítica das circunstâncias do crime. Além de mencionar que Yara foi linchada por populares, reforçando a ideia de que a violência contra ela foi uma reação da comunidade à sua suposta ação.

Além disso, as informações que constam nas matérias demonstram a falta de apuração, uma vez que posteriormente as informações divulgadas pela polícia constataram que a recém-nascida estava desaparecida, e não que havia sido morta pela mãe. A manchete e o corpo do texto das matérias colocam Yara Paulino como culpada, e nem mesmo apenas como "suspeita", de um crime que sequer ocorreu.

Percebemos o papel da mídia, nesse sentido, não apenas como veículo de informação, mas também como agente formador de subjetividades e opiniões. Com isso, a ideia de alfabetismo midiático, abordado por Santaella (2004), revela-se importante como meio de acessar, interpretar, avaliar e produzir conteúdos midiáticos de forma ética e consciente. O domínio técnico da leitura e da escrita não é mais suficiente para lidar com a complexidade das linguagens e discursos que circulam nas mídias digitais. A autora argumenta que "o letramento não pode mais ser entendido como alfabetização linear, pois as competências comunicativas exigidas hoje envolvem múltiplas linguagens, mídias e modos de interação" (SANTAELLA, 2004).

No Acre, os números de casos de feminicídio têm aumentado gradativamente, a cada ano. De acordo com a plataforma "Feminicidômetro", do Observatório de Violência de Gênero do Ministério Público do Estado do Acre, de janeiro de 2018, ao início do mês de abril de 2025, houveram 78 feminicídios consumados e 158 tentativas. Os números demonstram a necessidade da prevenção e a importância do letramento da população em torno de um crime que tem se tornado tão banal no estado.

Em contraste, as matérias do portal Contilnet apresentam uma abordagem mais centrada na vítima e nas investigações em curso. Por exemplo, a matéria "Caso de mulher

morta em via pública no Acre ganha repercussão nacional por desdobramento chocante" destaca os desdobramentos do caso e a repercussão na mídia, oferecendo uma visão mais ampla do impacto do crime. Além disso, a reportagem "Delegados revelam detalhes sobre caso de mulher morta em via pública na Cidade do Povo" fornece informações sobre as investigações, embora ainda careça de uma análise crítica sobre as causas subjacentes do feminicídio.

Nesse sentido, à primeira vista a análise de material do Contilnet pode identificar um veículo mais focado em checagem de informações e aprofundamento, entretanto, uma das primeiras matérias publicadas pelo site foi excluída, tanto do site, quanto nas redes sociais do portal.



Figura 1 - Captura de tela da manchete no Instagram. A publicação foi excluída minutos depois.

Fonte: Arquivo pessoal

Assim como no primeiro veículo analisado, o título da matéria sugere a falta de checagem e aprofundamento, ao tratar Yara Paulino como culpada de um crime que também não havia acontecido. A matéria foi retirada logo após a publicação, e não encontramos nenhuma retratação por parte do veículo, dentro dos critérios de análise que utilizamos.

Em suma, as matérias analisadas contribuem para a construção de uma narrativa que desumaniza a vítima e desvia a atenção das questões estruturais que envolvem o feminicídio. A ênfase em aspectos sensacionalistas, a falta de contextualização e a ausência de uma análise crítica das causas subjacentes do crime limitam a capacidade da mídia de informar e sensibilizar a sociedade sobre a gravidade da violência de gênero.

Entre os termos e adjetivos analisados, identificamos palavras em comum de acordo com a análise de cada veículo. Em suma, a linguagem utilizada revela uma espécie de apagamento de Yara Paulino, especialmente como vítima. Termos que a referenciam apenas como “mulher” ou “suspeita”, reforçam esse estereótipos.

Michel Foucault (2003), ao discutir as formas como o poder se manifesta sobre os corpos, ajuda a compreender como a exposição midiática do corpo feminino vítima de violência contribui para sua "punição simbólica". No caso de Yara, seu corpo não foi apenas linchado fisicamente, mas também discursivamente, ao ser exposto, julgado e condenado pela opinião pública antes de qualquer investigação ou julgamento formal.

Joan Scott (1988), ao abordar a história de gênero, mostra como as narrativas hegemônicas constantemente colocam as mulheres em papéis secundários ou marginalizados. A cobertura do caso de Yara Paulino é exemplo disso: mesmo sendo vítima, ela foi narrada como acusada, como personagem periférica em sua própria tragédia. Isso revela como o analfabetismo midiático contribui para a reprodução de violências simbólicas e reforça estigmas estruturais.

Além disso, o conceito de alfabetismo midiático, proposto por Lúcia Santaella (2004), é central para a compreensão da forma como o feminicídio é abordado na mídia. O analfabetismo midiático se refere à falta de capacidade de interpretar e questionar as mensagens veiculadas pela mídia, o que resulta em uma compreensão superficial dos fatos e em uma reprodução de estereótipos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das matérias sobre o feminicídio de Yara Paulino revela como a mídia contribui para a construção de uma narrativa que desumaniza a vítima e perpetua a visão da mulher como um "corpo descartável". A utilização de termos e adjetivos que reduzem a vítima a uma figura passiva e vulnerável, sem agência ou história, reforça estereótipos de gênero que naturalizam a violência contra a mulher.

O conceito de alfabetismo midiático ajuda a entender como a falta de uma análise crítica das reportagens contribui para a perpetuação de uma visão distorcida e superficial do feminicídio. A mídia, ao focar exclusivamente no aspecto trágico do crime, ignora a complexidade da violência de gênero e as responsabilidades sociais e políticas que envolvem o feminicídio.

REFERÊNCIAS

AC24HORAS. Caso Yara: polícia usa helicóptero em busca de bebê desaparecida em Rio Branco. 2025. Disponível em: <https://ac24horas.com/2025/03/29/caso-yara-policia-usa-helicoptero-em-busca-de-bebe-desaparecida-e-m-rio-branco/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

AC24HORAS. Corpo de bebê morto pela mãe foi encontrado em saco de ração. 2025. Disponível em: <https://ac24horas.com/2025/03/24/corpo-de-bebe-morto-pela-mae-foi-encontrado-em-saco-de-racao/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

AC24HORAS. Polícia afirma que mulher foi linchada por boato e ossada era de animal. 2025. Disponível em: <https://ac24horas.com/2025/03/24/policia-afirma-que-mulher-foi-linchada-por-boato-e-ossada-era-de-animal/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

CONTILNET. Bebê de mulher assassinada na Cidade do Povo é registrada em plataforma de busca por desaparecidos. 2025. Disponível em: <https://contilnetnoticias.com.br/2025/03/bebe-de-mulher-assassinada-na-cidade-do-povo-e-registrada-em-plataforma-de-busca-por-desaparecidos/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

CONTILNET. Caso de mulher morta em via pública no Acre ganha repercussão nacional por desdobramento chocante. 2025. Disponível em: <https://contilnetnoticias.com.br/2025/03/caso-de-mulher-morta-em-via-publica-no-acre-ganha-repercussao-nacional-por-desdobramento-chocante/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

CONTILNET. Delegados revelam detalhes sobre caso de mulher morta em via pública na Cidade do Povo. 2025. Disponível em: <https://contilnetnoticias.com.br/2025/03/delegados-revelam-detalhes-sobre-caso-de-mulher-morta-em-via-publica-na-cidade-do-povo/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

G1. Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MORAES, Heloisa Ferreira de. A representação da mulher vítima de feminicídio nos meios de comunicação: uma análise crítica do discurso. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riu/7600>. Acesso em: 09 abr. 2025.

OLIVEIRA, Suélen Cristine de. O feminicídio sob o olhar do judiciário: a perspectiva de gênero nas decisões judiciais brasileiras. Revista Jurídica do Direito, v. 8, n. 2, 2022. Disponível em: <https://jefvj.emnuvens.com.br/jefvj/article/view/729>. Acesso em: 09 abr. 2025.

RIBEIRO, Eloisa Lima. A mulher e o feminicídio: uma leitura da violência de gênero a partir da criminologia crítica. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, [S. l.], v. 12, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifac.edu.br/index.php/revistarca/article/view/158>. Acesso em: 09 abr. 2025.

SEMIRAMIS, Cynthia. O caso Eloá: análise da abordagem de feminicídio na imprensa brasileira. Disponível em:

[https://dlwqtxts1xzle7.cloudfront.net/35375582/Cynthia_Semiramis - Eloa feminicidio - Fazendo Genero_9-libre.pdf](https://dlwqtxts1xzle7.cloudfront.net/35375582/Cynthia_Semiramis_-_Eloa_femicidio_-_Fazendo_Genero_9-libre.pdf). Acesso em: 09 abr. 2025

CONNELL, R. W. Masculinities. Cambridge: Polity Press, 2005. Disponível em: https://lulfmi.lv/files/2020/Connell_Masculinities.pdf. Acesso em: 09 abr. 2025.

SONTAG, Susan. Regarding the pain of others. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2003. Disponível em:

https://monoskop.org/images/a/a6/Sontag_Susan_2003_Regarding_the_Pain_of_Others.pdf. Acesso em: 09 abr. 2025.

SANTAELLA, Lúcia. O analfabetismo midiático. São Paulo: Cortez, 2004. Disponível em: <https://www.unisantos.br/wp-content/uploads/2019/11/Cibercultura.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2025.

SONTAG, Susan. Regarding the Pain of Others. Journal of Communication, v. 55, n. 2, p. 251-253, 2005. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0891243205278639>. Acesso em: 09 abr. 2025.